

Pensando nessas coisas voltou-me à mente uma outra imagem que muito nos provoca: a capa da tradução feita para a editora Campus do livro *The hacker ethics* de Pekka Himanen, escrito originalmente em 2001.



Uma observação cuidadosa da arte desta capa nos mostra que, diferente do que pensamos, os hackers estão aqui representados como aquele que, com chapéu e luvas pretas, na calada da noite evidenciada pelas sombras da imagem no centro da capa, invadem os computadores alheios para ações criminosas.

Tem sido essa a ideia que a grande mídia passa para denominar aqueles que são, efetivamente, criminosos e que trabalham com computadores. Feliz foi o jornal baiano *A Tarde* ao denominá-los de crackeres e, com isso, não deixar dúvidas de que hackers, são outra coisa. O próprio Pekka Himanen, filósofo Finlandês que pesquisa a chamada sociedade da informação, do conhecimento, ou, como prefere Guillermo Orozco, a *sociedade da comunicação*, descreve a maneira como todo esse movimento em torno do software livre nasceu e a maneira de trabalhar dos hackers.

Para Himanen, e aí reside a importância do seu pensar para o nosso campo, a educação, qualquer um pode, na sua área de atuação, ser um

hacker já que os princípios da chamada ética hacker podem - e, diria eu, devem - ser aplicados a qualquer área e, mais ainda na educação.

Himanen destaca sete as principais características do trabalhos dos hacker: paixão, liberdade, valor social (abertura), nética (ética da rede), atividade, participação responsável e criatividade, todas elas devendo estar presentes nos três principais aspectos da vida: trabalho, dinheiro e ética da rede. (HIMANEN, 2001, P. 125-127).

O movimento hacker nasce a partir da ação, na década de 60 do século passado, de jovens estudantes que ocupavam garagens, porões e laboratórios das universidades americanas na busca de futucar tudo, com o intuito de desafiarem-se a si próprios e com isso, desenvolverem novos aparatos tecnológicos. Nasceram assim os primeiros computadores pessoais e boa parte desses movimentos tinha como princípio uma intensa lógica de partilhamento. Nasce assim uma interessante prática que pode ser simbolizada por um conjunto de três letrinhas RFC: *Request For Comments*, que nada mais é do que fazer circular um documento, uma solução para um problema, pedindo aos colegas comentários para aperfeiçoar o documento ou solução inicial.

Com isso, não se esperava possuir uma solução definitiva ou a mais perfeita do problema mas, imediatamente, colocava-se na roda a ideia e, com a sua rápida circulação (hoje intensificada em função da internet) ela passa a ser objeto de crítica dos outros, sendo aperfeiçoada coletivamente.

Hackers, heróis da revolução dos computadores é o livro de Steven Levy (2001) que resgata o código de ética criado pelos primeiros hackers, reunidos em torno dos clubes juvenis no MIT (Massachusetts/Estados Unidos), no final da década de 50 do século passado. Da mesma forma que Himanen, busca caracterizar a ética dos hackers e, mais uma vez, a provocação para nos, educadores, é direta.

Ele refere-se a seis princípios. Primeiro, pensar que o acesso aos computadores deveria ser total e ilimitado. Mais do que computadores, deveria ser liberado o acesso a "qualquer coisa que pudesse ensinar a

você alguma coisa sobre como o mundo funciona" (LEVY, 2001, p. 40) . Segundo, que toda a informação deve ser livre (*free*) porque "se você não tem acesso à mesma, não terá como consertar as coisas" (p. 40). Aqui é importante lembrar que, no inglês, a palavra *free* pode tanto significar livre como também grátis, o que nos permite considerar que toda a informação deve ser livre e gratuita. O terceiro princípio indica que deve-se sempre desconfiar da autoridade e, assim, estimulam-se procedimentos pouco burocráticos, com liberdade de circulação de informações e acesso às mesmas, por qualquer um. A descentralização passa a ser a palavra de ordem. O julgamento dos hackers deve ser feito pela qualidade do que eles efetivamente fazem e realizam, afirmam em seu quarto princípio, e não por critérios falsos como escolaridade, idade, raça ou posição. Confrontando a dureza aparente das máquinas, o quinto princípio defende que "é possível criar arte e beleza num computador"(p. 43). Por último, e não menos importante, acreditam que os computadores poderem fazer sua vida melhor.

Para a educação, nada melhor do que vislumbrar as possibilidades trazidas por essa ética dos hackers já que estamos a viver um escola cada vez centrada numa perspectiva que pouco tem a ver com a ideia de colaboração e generosidade.

Creio serem essas belas questões para pensarmos, não?

sobre o(a) autor(a):

Professor (e ativista) da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - www.pretto.info